

LETRAS DE HOJE

Nº 34

DEZEMBRO DE 1978

Cr\$ 15,00

**estudo e debate
de assuntos de
lingüística, literatura
e língua portuguesa**

PONTIFÍCA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
Centros de Estudos de Língua Portuguesa
Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Letras

LETRAS DE HOJE já editou 34
números. O preço da assinatura
— 4 números anuais — é de
Cr\$ 100,00 para o Brasil e de
US\$ 20 para o Exterior
Número avulso — Cr\$ 35,00

Os pagamentos podem ser feitos
por cheque bancário ou através
de vale postal em favor da
Pontificia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul.

A redação aceita contribuição de sua especialidade.
Aceitamos livros e revistas para resenhas.

DIRETOR:

PROF. IR. ELVO CLEMENTE

REVISÃO E CORRESPONDÊNCIA:

PROF.ª MARIA RITA PONSI MOTTA

CONSELHO EDITORIAL:

Para assuntos Lingüísticos: José Marcelino Poersch, Fernando José da Rocha, Christian Lehmann, Leonor Scliar Cabral e Urbano Zilles.

Para assuntos Literários: Gilberto Mendonça Teles, Nelly Novaes Coelho, Regina Zilberman e Petrona Dominguez de Rodriguez Pasquéz.

LETRAS DE HOJE aceita troca

On demande l'échange

We ask for exchange

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA E LETRAS
CENTRO DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA
EM CONVÊNIO COM O CONSELHO FEDERAL DE CULTURA
AV. IPIRANGA, 6681 - Caixa Postal 1429 - PORTO ALEGRE

ÍNDICE

REFLEXOS DO MITO E DA DECADÊNCIA DO IMPÉRIO

AUSTRO-HÚNGARO NA LITERATURA AUSTRIACA

Bernhard Jankowsky p. 5

A CONVERSÃO ESTÉTICA DE RILKE

Cassiano Nunes p. 28

A IMPORTÂNCIA DE KARL BÜHLER

NA LINGÜÍSTICA MODERNA

Augustinus Staub p. 48

A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

Stella Maris Bortoni p. 71

LITERATURA Y POLÍTICA EN LA

NOVELA DE CARLOS FUENTES

Joaquín Rodríguez Suro p. 79

RECENSÃO: ESTUDIOS DE LITERATURA

ESPAÑOLA MODERNA

Barbara Dale May p. 93

BERNHARD JANKOWSKY, doutor em letras (Universidade de Bochum, República Federal da Alemanha; 1972), estudou língua e literatura francesa e hispânica em Frankfurt, Toulouse e Bochum, onde se formou em 1969. De 1969 a 1972, professor-assistente em Bochum; de 1973 a 1975, professor na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) na Cidade do México. Desde 1975 professor de língua alemã e, no Curso de Pós-Graduação em Teoria da Literatura, de literatura comparada. Publicações sobre a metodologia do ensino de idiomas vivos e literatura comparada.

REFLEXOS DO MITO E DA DECADÊNCIA DO IMPÉRIO AUSTRO-HÚNGARO NA LITERATURA AUSTRIACA

(Joseph ROTH e Arthur SCHNITZLER)

Bernhard Jankowsky

NOTA PRELIMINAR

Embora a Áustria contribuisse, durante a sua rica história, consideravelmente, para o destino político da Europa, pouco se conhece deste país fora da Europa Central da qual faz parte geograficamente.

Para o cidadão brasileiro, no entanto, a Áustria não é uma nação tão desconhecida graças às relações de parentesco entre as Cortes Imperiais — quem ignora que D. Leopoldina, esposa do Imperador brasileiro Dom Pedro I, era uma arquiduquesa austríaca, irmã do Duque de Reichstatt (1)? Os escassos conhecimentos históricos, porém, não parecem ser suficientes para apreciar adequadamente a temática a ser desenvolvida na presente contribuição. Trata-se, nesta, essencialmente, da reelaboração literária de um capítulo da História austríaca, cuja estimativa literária se tornaria para nós impossível, caso não possuíssemos um sólido conhecimento fático. Além disso, levando-se em consideração que fora da Europa Central muito se desconhece desse país, ainda me-

nos da sua literatura, cuja autonomia sempre foi e continua sendo contestada.

Por estes vários motivos, seria oportuno estruturar as reflexões a serem feitas em três partes:

- Primeiramente se pergunta o que pode ser literatura austríaca;
- a segunda parte trata de caracterizar, nos seus elementos essenciais, a época cujo "canto do cisne", segundo o prêmio Nobel alemão de literatura, Heinrich BÖLL, entoar-se-á na terceira parte;
- só esta última ocupa-se do próprio tema da elaboração literária do mito e da dissolução do Império dos Habsburgos.

Não sendo possível, nem oportuno, oferecer uma vista panorâmica e global daquela parcela da literatura austríaca que trata do fim da Monarquia Imperial e Real do Danúbio, exemplificar-se-á a temática em questão, através de obras características dos autores Joseph ROTH e Arthur SCHNITZLER (2).

PRIMEIRA PARTE

O QUE É A LITERATURA AUSTRÍACA?

A Áustria republicana de hoje não corresponde mais àquela Monarquia de Habsburgo, chamada também Império Austro-Húngaro, Monarquia dupla Imperial e Real ou, simplesmente, Áustria-Hungria, abrangendo a Áustria de língua alemã de nossos dias, a Hungria, a Tcheco-Eslováquia, a maior parte da Iugoslávia e até territórios da Polônia, da União Soviética e da Romênia. Era, então, um poderoso império gigantesco, frente ao qual a Áustria de hoje, que proveio do tratado de paz de Saint-Germain, parece minúscula: está reduzida aproximadamente ao tamanho do Estado de Santa Catarina, sendo semelhante a este estado não só no tamanho mas, também, na forma.

A velha Monarquia do Danúbio enquanto império polinacional não era somente um conglomerado de etnias, mas, também, de idiomas. Entre eles, o alemão foi minoritário em número de falantes, sendo a língua da corte Imperial de Viena, se alargou como língua das classes altamente formadas e educadas nas diversas regiões vinculadas à Monarquia em referência, mas não gozou o privilégio de ser o idioma exclusivo na Hungria, na Boêmia e na Morávia, entre outras. Se considerássemos a Áustria-Hungria uma unidade política, com governo centralizado em Vie-

na, englobar-se-iam, strictu sensu, todos os produtos literários na noção geral de literatura austríaca, não importando a língua em que tivessem sido escritos: poderiam ser, pelo menos teoricamente, obras em alemão, húngaro, tcheco-esloveno, croato, e, sob algumas reservas, em italiano ou polonês. É uma situação que o crítico da literatura costuma enfrentar ainda hoje a respeito da produção literária da Bélgica, do Canadá, da Índia, da Suíça e da União Soviética. Com relação à Áustria, após o fim da primeira Guerra Mundial, o problema da diversificação lingüística teve um fim abrupto, mas um outro continuou existindo: estando fora de discussão as literaturas em vários idiomas num mesmo território, permanece o problema de literaturas num mesmo idioma que se estendem a vários territórios nacionais. Como sabemos, produz-se literatura em língua alemã nos dois Estados alemães, em ambos os lados da cortina de ferro, na Suíça e, ao mesmo tempo, na Áustria, habitada hoje em dia quase que exclusivamente por pessoas de fala alemã.

Falando de uma literatura escrita em um idioma que se estende por mais de uma entidade política, pode-se observar a tendência hegemônica do país maior de um mesmo grupo lingüístico sobre os menores. Acontece exatamente isto na área de língua alemã. Por causa das estreitas relações culturais entre os países de fala alemã, bem como devido a uma tradição sócio-cultural em comum, as literaturas dos países menores seguem o exemplo da literatura alemã, e negam suas independências e particularidades. Por isso todo o mundo as inclui na literatura alemã. Que especialista estará ainda realmente ciente, de que as obras de autores tão conhecidos como KAFKA, RILKE, HOFMANNSTHAL, MUSIL, TRAKL, ZWEIG ou HANDKE (3) pertencem, por sua origem, à literatura austríaca e não à literatura alemã? — Convencionase, então, que, da abundante criação literária, a crítica ceda para os austríacos apenas aqueles autores, em cujas obras se tematiza a Áustria com seus costumes, particularidades étnicas, sua história, como por exemplo os autores Arthur SCHNITZLER, Joseph ROTH, Ferdinand RAIMUND, Johann NESTORY, ou escritores decididamente locais, como Peter ROSEGGER (4).

Considerando o imenso potencial intelectual e artístico da Áustria, conforme a perspectiva do crítico, restam apenas como representantes da literatura austríaca, quando muito, autores menores. É um sacrifício que, amiúde, deve fazer um país pequeno, porém aberto para o mundo como o é a Áustria atual, da mesma forma que já o fazia a grande Monarquia de outrora com as suas diversas línguas e povos.

A situação da literatura austríaca frente à alemã se apresenta, então, muito menos clara do que a relação entre a Grã-Bretanha

e os Estados Unidos, ou entre Portugal e o Brasil. Todos estes países continuam tendo uma comunidade lingüística, mas tomaram, já há tempo, um desenvolvimento cultural independente, cujos reflexos estão visíveis nas suas literaturas.

Por conseguinte, pode-se resolver dificilmente o problema da determinação e definição da literatura austríaca. Ernst ALKER pretendeu resolvê-lo, dizendo que "a literatura austríaca" não é apenas uma noção geograficamente condicionada, mas deve valer também como um fenômeno baseado em critérios das ciências morais. Falta decidir, ainda, se isto é uma solução. De qualquer forma, a literatura austríaca é mais do que literatura regional e nacionalista, mais do que os documentos compilados por Robert BLAUHUT, que abrangiam uma seleção de novelas de caráter e de destino, escritas por autores regionalistas (5). Estas novelas se distinguem, sobretudo, por uma descrição inagotável da cor local, colocando os seus caracteres e conflitos na paisagem e com a intenção de produzir uma unidade entre a natureza, a paisagem e a alma; unidade que se quer perfeita, tanto quanto possível. Esta literatura permanece, conforme BLAUHUT,

poesia trivial no melhor sentido literal, isto é, fala do que se relata no "trivium", nas "tres viae", nas três ruas, na praça do mercado (6).

O compilador frisa que todos os vinte e quatro reinos e países da coroa, representados no Conselho Imperial, tiveram seus poetas locais. Apesar da multidão dos idiomas, todos eles escreveram em língua alemã. Portanto, a capital Imperial, Viena, não fez caso destas literaturas regionais, porque Viena não tinha interesse em exercer um efeito de irradiação para a província. A administração pedia, ao contrário, que a respeito de fenômenos culturais, Viena deveria se mostrar como centro de gravitação. Fariamos jus à literatura austríaca, mais facilmente, se a estudássemos sob um ângulo que cancelasse, como a literatura comparada, quaisquer fronteiras nacionais e lingüísticas (7).

Como base da comparação oferece-se, na antiga Monarquia do Danúbio, o espírito josefino por ter impregnado fortemente as literaturas escritas nos diversos idiomas da dinastia dos Habsburgos. Este espírito se dissipou lentamente a partir de 1890, no período de separação das nacionalidades, dissolvendo-se o nexo entre a literatura e o Estado (8).

SEGUNDA PARTE

A MONARQUIA IMPERIAL E REAL DA ÁUSTRIA

Com isto já chegamos a um problema essencial, que a Monarquia do Danúbio abalou e, posteriormente, gerou a mais deci-

siva contribuição para o seu término: a questão das nacionalidades. Mas esclareçamos antes o que se entende por "Monarquia Imperial e Real do Danúbio". Trata-se do período entre 1867 e 1918: desde o estabelecimento da união real entre a Áustria e a Hungria, sob um chefe de Estado comum, o Imperador austríaco Francisco José I, rei da Hungria, até o assassinato do príncipe herdeiro, Francisco-Fernando, em 28 de junho de 1914, que provocou a Primeira Guerra Mundial, terminando em 1918 com o último dos Habsburgos no trono: Carlos I. Então, no outono de 1918, o Império sucumbiu definitivamente e no seu antigo território se formaram os estados independentes da Áustria germânica, da Hungria e da Tcheco-Eslôvquia; outras partes do Império foram anexadas pela Itália e pela Romênia e pelos estados, também recém-fundados, da Polônia e da Iugoslávia.

Embora se fale cada vez mais da dissolução do que da existência do Império Austro-Húngaro, deve ser destacado que a época imperial e real se caracterizou por ter gozado de uma paz de quarenta e oito anos, de uma exemplar segurança interna, de uma liberdade relativamente grande, tanto no campo da escolha livre de residência e da profissão, quanto no da franquia de locomoção, desconhecida em outras regiões da Europa do século XIX. A força de integração responsável pela solidez deste Império imenso vinha menos dos símbolos imperiais — coroa e águia — do que da personalidade do Imperador Francisco José, que, quando mais velho, se considerou, ele mesmo, o símbolo do Império. Personificou a vontade tenaz de sobreviver, apesar de dar, ao longo do tempo, uma impressão de antiquado, situação bem semelhante, na Grã-Bretanha, à da rainha Vitória I. Ao morrer o Imperador, no ano de 1916, com a idade de oitenta e seis anos, tinha reinado sessenta e oito anos — um recorde nunca mais atingido na Europa. A Monarquia Austro-Húngara quase morreu com ele — mas antes de desaparecer, funcionara, e funcionara bem, sobretudo porque a coroa tinha produzido uma administração admirável e bem organizada, à qual serviam lealmente os funcionários públicos, a polícia e o exército. A característica mais ressaltante desta administração era a sua discreção: a capital Viena, na verdade, foi representada em todos os países da coroa, por funcionários da sua administração, mas apenas na medida do absolutamente imprescindível. Não surgiram, por isso, causas de atrito nem na convivência diária de representantes das várias nacionalidades, nem no nível político-jurídico.

Este ambiente de segurança externa ofereceu, evidentemente, um terreno fértil para a vida cultural que se desenvolveu, embora com intensidade variada, nas diferentes partes do Império. Viena era e permanecia sendo — enquanto Capital da Monarquia — o centro cultural do país, com a qual as metrópoles, Praga e Buda-

peste, não puderam competir. Na época da "Secessão Vienense" — assim foi chamado na Áustria o movimento do "Jugendstil", do "art nouveau" — a agrupação "Jovem Viena" teve, a realidade, intercâmbio com uma "Nova Praga", à qual pertenceu o jovem RILKE, mas este movimento nunca alcançou um nível comparável ao do seu correspondente vienense. Desnecessário se faz destacar que a "Nova Praga" se manifestava em língua alemã.

Por volta do ano de 1900, os intelectuais estavam perfeitamente cientes da fragilidade do Império dos Habsburgos, ainda que as várias atividades culturais e a produção quase inesgotável no campo da literatura e da música não dessem esta impressão. Hermann BROCH (9), por exemplo, qualificou esse período de galante desafio à morte, como o "apocalipse feliz da Viena" (10). As revistas *Die Fackel* e *Der Brenner*, porém, analisaram a situação política e social com bastante criticismo e espírito satírico.

A Monarquia Dupla não se quebrou de repente nem de improviso. Tratou-se, na verdade, de uma dissolução paulatina e a guerra acelerou este processo, que ter-se-ia aproximado, de qualquer forma, do seu fim. Como muitos grandes homens, o Imperador encanecido, Francisco José, descuidou do problema da sucessão, não preparou para um alto cargo o príncipe que um dia assumiria o poder. Rudolfo, príncipe herdeiro e filho único do Imperador, chegou, porém, a desenvolver uma séria concepção política, tentando reconsiderar favoravelmente a questão húngara. Mas o príncipe se suicidou com trinta e um anos de idade no castelo de caça de Mayerling, porque se considerou um tríplice fracassado: como homem político, esposo e filho. Geralmente se diz que esta tragédia aconteceu por razões de paixão, mas JOHNSTON acrescenta:

Para não revelar conseqüências políticas, as autoridades vienenses enfatizaram o aspecto sentimental do acontecimento. Como se a vida pública fosse uma opereta, elas achavam mais agradável que se pensasse que Rudolfo morreu, mais por uma mulher do que por sua convicção (11).

Francisco-Fernando, sobrinho do Imperador, o seguinte pretendente à coroa, também não manteve relações mais cordiais com Francisco-José do que Rudolfo e acabou assassinado por nacionalistas sérvios. A sua morte o transformou em mártir, mas não foram poucos os que se mostraram contentes com o fato deste homem voluntarioso ficar impedido de receber a coroa imperial.

O sobrinho de Francisco-Fernando, Carlos, que sucede a Francisco-José I ao trono (imperial da Áustria e real da Hungria),

reinando de 1916 a 1918, também não estava preparado adequadamente para o seu cargo.

Pela lenta dissolução do Império, Friedrich HEER responsabiliza essencialmente dois poderes, de um lado as altas camadas húngaras, as quais, na parte húngara do Império, insistiam numa hegemonia da oligarquia húngara, e, do outro, a burguesia nacionalista de fala alemã. Ambas não se deram conta das leis de existência de um Estado no qual convivem várias nações. Um tal Estado só pode se manter sob a condição de uma federação livre entre parceiros soberanos, mas não sob o domínio de um grupo ou de uma classe.

Segundo William M. JOHNSTON, o fracasso do Império deve-se exatamente àquelas forças que o contiveram outrora: a obstinação do Imperador e o tradicionalismo dos seus servidores públicos. Destaca o crítico que o povo acreditava muito menos nos "profetas da decadência", como Karl KRAUS (12) e Georg TRAKL, do que nos otimistas, como Hermann BAHR (13). As classes sociais mais altas deixavam transparecer uma atitude de segurança (14) que podemos equiparar à mentalidade que a burguesia saturada e coroadada de êxito sócio-econômico começou a desenvolver na Alemanha Ocidental entre 1960 e 1970.

Não é de estranhar, por conseguinte, que os integrantes das classes médias superiores e, ainda, a nobreza e as altas camadas da sociedade, tenham lamentado os velhos tempos, depois do colapso, e, mais ainda, depois do tratado de paz de Saint-Germain, assinado em 1919. Outros grupos que, antes de 1918, tinham se mostrado indiferentes a respeito da Monarquia, mudaram de opinião, tornando-se favoráveis aos Habsburgos, em vista do vazio desesperador e da falta de perspectivas em conseqüência da Guerra Mundial perdida.

TERCEIRA PARTE

REFLEXOS DO MITO E DA DISSOLUÇÃO DO IMPÉRIO AUSTRO-HÚNGARO NA LITERATURA AUSTRIACA

O assunto principal do presente trabalho — o tema literário do mito e da dissolução do Império dos Habsburgos — não é novo nem foi abordado aqui pela primeira vez. Por exemplo, em 1966, nos Estados Unidos, foi defendida, na Universidade de Cincinnati, uma tese de doutorado por Curt SANGER sob o título *The Decadence of Austrian Society in The Novels of Joseph Roth*.

Trata-se, nesta tese, de Joseph ROTH, considerado geralmen-

te o representante literário mais destacado do período da dissolução do mórbido Império dos Habsburgos, em termos mais positivos, de uma literatura caracterizada pela influência prolongada dos últimos anos da época imperial. Nas obras deste judeu da Galícia, que chegou muito moço a Viena, se misturam uma crítica benévola, às vezes algo moderada demais, e uma melancolia nostálgica, sobretudo no seu romance **Radetzky** que é considerado pelos críticos como sua obra-prima. ROTH pertencia, junto com Heimito von DODERER e Franz WERFEL (16), àquele grupo de criadores literários da Monarquia, que tinha, no início da Primeira Guerra Mundial, por volta de vinte anos apenas, uma geração influenciada profundamente pelo Império, um grupo que, no entanto, começou a escrever somente após a Guerra. Karl KRAUS, Georg TRAKL, e Arthur SCHNITZLER, outros representantes célebres, já se tinham dedicado à literatura como súditos do Imperador.

No processo literário, ROTH procurava um entendimento de si próprio, uma "raison d'être", que a sua geração não podia encontrar na época do pós-guerra. Assim, mesmo a mórbida Monarquia Dupla, com todas as suas insuficiências, constituía para esta geração o único apoio, garantindo-lhe ordem e segurança.

O romance **Radetzky** não é, propriamente, um documento contemporâneo, e foi escrito aproximadamente quinze anos depois do fim da Guerra. Resulta que, muita coisa que ROTH viu através do filtro de uma retrospectiva transfigurada e idealizada, teria sido observada, no exato momento de seu acontecimento, de uma maneira mais crítica. Não devemos esquecer, todavia, que ROTH, quando moço, se declarou partidário socialista, tornando-se, no decorrer dos anos, mais e mais da direita política. Por ocasião do 'auto-de-fé' nacional-socialista, em 10 de maio de 1933, na Alemanha, suas obras foram queimadas pelos nazistas. A destruição dos livros de ROTH é devida também a motivos racistas, sendo ROTH um entre o grande número de escritores e intelectuais judeus que desempenhou um papel decisivo na vida cultural austríaca antes e depois de 1918 (17).

No comunicado do Serviço Federal da Imprensa da República da Áustria de 1969, distribuído por ocasião do septuagésimo quinto aniversário e do trigésimo dia da morte de ROTH, o romance **Radetzky** está qualificado de "apoteose tristíssima do Império perecido" (18). Frisa-se com razão, neste comunicado, que a ação inicial do romance tem algo de blasfêmia segundo os partidários da velha ordem: o Imperador na lama. Esta cena inicial é a seguinte: na batalha de Solferino em 1859, onde Franceses e Piemonteses venceram os Austríacos, um jovem segundo-tenente chamado Trotta salva a vida do Imperador Francisco-José.

Para evitar que a bala inimiga alcance o monarca, Trotta viu-se obrigado a derrubar Sua Majestade, que cai sobre a lama no campo de batalha. Francisco-José digna-se agradecer ao salvador da sua vida, enobrecendo-o, condecorando-o e promovendo-o. É a partir deste instante que Trotta não pode mais escapar do favor Imperial onipresente, sempre funcionando — um favor que se torna quase uma pena para o interessado, transferido ao filho e ao neto.

O favor imperial não afetou em nada o modo de agir e pensar do "Herói de Solferino"; ele continua o mesmo homem modesto e honesto que era antes, o que se manifesta, por exemplo, no fato de fazer uma reclamação oficial junto ao Imperador para eliminar dos livros de leitura para escolas uma versão idealizada do episódio heróico, que já correspondia à prosaica realidade. Em contraposição ao seu salvador, o Imperador tinha aceito o papel que desempenhou no livro de escola, e, numa audiência,

Partindo da teoria de Hermann BROCH, a Áustria não se define aqui geograficamente, senão como fenômeno de suprema realidade ética no sentido místico, simbolizado pelo Imperador como base da realidade (39). Conforme TROMMLER, que estabelece uma interpretação literária, a hora da revolução histórica que modifica profundamente toda a tradição, permanece responsável pelo fato de o escritor descobrir uma realidade social bastante problemática e que acaba por deixar o indivíduo isolado e desesperado (40). TROMMLER considera o romance a única forma adequada para dialogar com a realidade, na qual a ordem tradicional se dissolve. Destaca que, sobretudo para ROTH, a Áustria se transforma pelo meio épico, em um país de recordação que se restaura, ressuscita, graças à elaboração literária do romancista (41). Porém, o crítico confessa, implicitamente, que esta restauração carece de consistência e durabilidade, frisando que os romances de ROTH estão determinados, primeiramente, pela análise das circunstâncias da época, mas se transformam depois numa confissão da subjetividade (42). Sem dúvida, o romance é um gênero literário capaz de discutir a realidade; seria oportuno, no entanto, de relativizar esta pretensão à exclusividade, formulada por TROMMLER.

No que diz respeito ao tema da dissolução do Império Austro-Húngaro, pode-se comprová-lo examinando a obra dramática de Arthur SCHNITZLER, autor que nunca se dedicou às formas longas da literatura, restringindo-se aos gêneros dramático e novelístico. Conforme Reinhard URBACH SCHNITZLER conseguiu:

descrever adequadamente a época, a sua época. E isto com os melos mais refinados, mais espirituais. Descreveu magistralmente as altas classes sociais de Viena no

tempo que precedeu à guerra com o seu ceticismo, a sua inteligência e a sua indecisão; descrevendo-as, Schnitzler as dissolve. Raramente o método da descrição correspondeu tanto aos objetos descritos (...) (43).

Junto com Hermann BAHR, Hugo von HOFMANNSTAL, Richard BEER-HOFMANN, Peter ALTENBERG, Anton WILDGANS e Stefan ZWEIG (44), SCHNITZLER pertenceu à "Jovem Viena", o já mencionado grupo de literatos novos que costumavam reunir-se no Café "Griensteidl" em Viena (45). Obviamente, o grupo estava ciente da fragilidade da sociedade contemporânea, mas nenhum dos membros se manifestou tão corajoso como SCHNITZLER que provocou, com as suas peças de teatro **Reigen** e **Professor Bernhardi**, uma indignação pública que chegou ao nível de um escândalo inédito, por ocasião dos litígios em torno do **Reigen**. Enquanto ROTH tomava como tema literário o fracasso do Império Austro-Húngaro, SCHNITZLER se dedicava à tarefa de apresentar, por meio de destinos individuais, em que medida a sociedade contemporânea e suas normas tradicionais já tinham sido ultrapassadas, tendo perdido qualquer vínculo com a atualidade.

A contribuição de SCHNITZLER à literatura deve ser considerada especificamente austríaca, porque devemos a ele os tipos vivos da Viena do fim do século que formam até hoje parte integral do patrimônio cultural da Europa, apesar de se terem petrificado, entorpecido em clichês com o decorrer dos anos, e, por isso, não correspondem mais ao espírito de SCHNITZLER. Trata-se da "Süßes Mädel", a "moça linda", a moça vienense de uma reputação ambígua, provinda de camadas sociais modestas, levando uma vida descuidada, sem pensar no amanhã, aproveitando o "carpe diem" fatalístico. Trata-se, ainda, de "Anatol", o dandy e playboy do fim do século, conforme BLAUHUT "snob, rebelde e 'outcast' em uma pessoa só" (46), o "filhinho de papai" de pais abastados, entende-se, representante da "jeunesse dorée", descuidada, sem futuro nem preocupações com o futuro. E o terceiro tipo deste patrimônio cultural é o jovem oficial de guarnição, de preferência da cavalaria, um dos enfeites queridos da Monarquia Imperial e Real Austro-Húngara, que não entende muito de assuntos militares, sendo especialista, no entanto, em mulheres, no jogo, gozando freneticamente da bela vida dos últimos anos de paz, pressentindo, talvez, o que o futuro iria trazer.

Apesar do seu humorismo, da sua desenvoltura estilística e da sua receptividade fácil, SCHNITZLER, em nenhuma de suas obras deixa de ser profundo no seu pensamento. Por particulares e ligeiros que pareçam os conflitos tratados literariamente por ele, à primeira vista, nunca falta, como teor sobreposto, o componente da sátira social, amiúde política. Podemos comprová-lo

mediante dois exemplos, a novela **Leutnant Gustl** (**Segundo-Tenente Gustl**) e a comédia relativamente pouco conhecida **Fink und Fliederbusch**. Na novela, o segundo-tenente Gustl é ofendido por uma pessoa incapaz de dar-lhe uma satisfação conforme as normas tradicionais, isto é, sem a possibilidade de bater-se em duelo com o oficial, por não ser nem nobre, nem oficial, nem acadêmico: o ofensor é um simples padeiro. Devido ao código de honra muito rígido do Exército Imperial e Real, cabe ao segundo-tenente apenas a alternativa entre a demissão — e com isso a completa proscricção social — e o suicídio. Mas o destino o dispensa de se decidir: o padeiro morre de enfarte, e a moral social permanece sem manchas graças a esta peripécia satírica. Se o ofensor pertencesse a uma camada mais alta, seria dever absoluto do oficial de se bater com ele para reestabelecer a sua honra — um costume que, apesar de ser discutido e reprovado por muitos — continuava existindo até o ano de 1911. **Leutnant Gustl**, contudo, já foi publicado no Natal de 1900, na **Neue Freie Presse**, por solicitação de Theodor HERZL, amigo de SCHNITZLER e fundador do sionismo político (47). A publicação da novela teve como consequência que SCHNITZLER foi processado pelo Tribunal Militar e cassado como oficial da reserva (48).

Fink und Fliederbusch é uma comédia do ambiente jornalístico, em que aparecem dois periódicos, um liberal e o outro conservador. O redator-chefe do jornal liberal tenta conseguir um acordo entre as posições opostas ao invés de agravar a situação. Mas esta medida leva os redatores a não poderem se expressar conforme as suas convicções, por temerem repressões e demissão. Só o artigo de um jovem jornalista, chamado Fliederbusch, encarregado das reportagens parlamentares para o jornal liberal, cria as bases para uma polarização das frentes, reavivando ao mesmo tempo as vendas do periódico: neste artigo, Fliederbusch dá uma resposta ardorosa a uma colaboração ultraconservadora de um redator chamado Fink, que trabalha para o jornal da concorrência. O duelo de tinta entre Fink e Fliederbusch se agrava tanto no decorrer da peça que gera finalmente uma verdadeira ameaça a um duelo real. Ambos aceitam — mas o duelo não se pode realizar, porque Fink e Fliederbusch são uma única e mesma pessoa!

Na comédia, SCHNITZLER ridiculariza e critica, então, uma tradição ultrapassada já há muito tempo, a tradição do duelo — e ele faz mais ainda: escrevendo artigos reacionários sob o pseudônimo Fink, o jornalista liberal Fliederbusch obtém vantagens inesperadas e tão grandes que, a partir de um determinado momento, ele ignora sinceramente quem é: Fink ou Fliederbusch. Com isto, se aborda, além do tema do oportunismo, a questão da crise de identidade.

E mais ainda: o aristocrata clerical-conservador, que protege o pseudoconservador Fink, não se preocupa de modo nenhum com o problema da convicção política, e nem faz caso da identidade entre agressor e defensor. Isto significa uma crítica severa a um parlamentarismo vazio, cujos representantes respeitam, pelo menos em parte, apenas as regras externas e convencionais, sem ter desenvolvido uma consciência democrática. **Fink und Fliederbusch** foi escrito em 1917 (49). Uns quinze anos depois se derrubou a democracia na Alemanha — enfim pelas mesmas razões que se discutam nesta comédia. O parlamentarismo alemão sucumbiu em 1933 quando Hitler assumiu o poder — inútil dizer que conseguiu obtê-lo legalmente, tendo alcançado o seu partido nacional-socialista a maioria parlamentar nas eleições do "Reichstag".

SCHNITZLER se diferencia de ROTH por não ter tratado, literariamente, desenvolvimentos políticos depois do fim da Primeira Guerra Mundial. Até sua morte, em 1931, baseou os seus assuntos nos tempos da paz externa da velha Monarquia do Danúbio, sem, porém, cansar de destacar as tensões internas.

Depois de um período de esquecimento quase total que durou mais de trinta anos, ele goza — como ROTH — aproximadamente há dez anos, de uma certa atenção pública, e suas peças teatrais voltam aos palcos dos países de língua alemã (50).

Há de esperar que o renascimento destes dois autores notáveis não se deva unicamente a esta onda de nostalgia que está tomando posse tão veementemente da Europa atual.

NOTAS REMISSIVAS

- 1 A arquiduquesa da Casa dos Habsburgos passou nove anos no Brasil, morrendo, prematuramente, com a idade de 30 anos (1797-1826).
- 2 ROTH, Joseph, 1894-1939, oficial até 1918, depois jornalista, novelista e romancista. Mais detalhes na terceira parte deste trabalho. SCHNITZLER, Arthur, 1862-1931, médico, autor dramático e novelista, influenciado fortemente pela psicanálise freudiana, transformando a decadência em um novo romantismo. Mais detalhes na terceira parte desta contribuição.
- 3 Tanto como ajuda mnemotécnica quanto como auxílio de rápida orientação, dar-se-á, em seguida, uma curta nota de rodapé cada vez que aparecer o nome de um escritor austríaco. Nesta nota, faremos uma breve caracterização do autor e indicação de algumas de suas obras principais. Para o estabelecimento das notas, foram consultados os seguintes livros:

GIEBISCH, Hans / GUGITZ, Gustav, **Bio-bibliographisches Literaturlexikon Österreichs. Von den Anfängen bis zur Gegenwart**. Wien (Höllnek) 1964.

MARTINI, Fritz, **Deutsche Literaturgeschichte von den Anfängen bis zur Gegenwart**. Stuttgart (Kröner) 12-1963.

MÜHLHER, Robert, **Österreichische Dichter seit Grillparzer**. Gesammelte Aufsätze. Wien / Stuttgart (Braumüller) 2-1975 (= Wiener Arbeiten zur deutschen Literatur, vol. 2).

POCHLATKO, Herbert (†) / KOWEINDL, Karl / PONGRATZ, Josef **Einführung in die Literatur des deutschen Sprachraums von ihren Anfängen bis zur Gegenwart**. Mit besonderer Berücksichtigung des österreichischen Schrifttums, III. Teil. Wien (Braumüller) 2-1975.

RIEDER, Heinz, **Österreichische Moderne**. Studien zum Weltbild und Menschenbild in ihrer Epik und Lyrik. Bonn (Bouvier) 1968 (= Abhandlungen zur Kunst — Musik — und Literaturwissenschaft, vol. 60). Observação: Pelo que sabemos, dos autores mencionados a seguir, só foram traduzidos para o português obras de HANDKE, KAFKA, RILKE e Stefan ZWEIG; por isso mantém-se a versão original dos títulos.

KAFKA, Franz, 1883-1924, doutor em Direito e funcionário em uma companhia de seguros, prosaísta antecipando, no início do século, o pensamento expressionista; considerado um dos maiores estilistas da prosa em língua alemã; fundador do romance moderno. OBRAS PRINCIPAIS: **America** (1912 ss.), **Der Prozess** (1925), **Das Schloss** (1927).

RILKE, Rainer Maria, 1875-1926, lirista, novelista, tradutor. Procura desenvolver uma nova sensação da vida, capaz de equilibrar uma síntese maior à antítese Vida x Morte por incorporar a morte na vida, anulando, com isto, o valor absoluto da morte. Veja a apreciação deste poeta na contribuição contida neste volume: Cassiano NUNES BOTICA, **A Conversão Estética de Rilke**.

HOFMANNSTHAL, Hugo von, 1876-1929, doutor em Letras, novelista, autor dramático autor de "libretti" de ópera, ensaísta, criador de uma produção literária rica, variada e de tão alta qualidade que a sua morte foi equiparada com um término de uma importante época da cultura alemã.

OBRAS PRINCIPAIS: **Der Tor und der Tod** (1893), **Jedermann** (1911), **Salzburger Grosses Welttheater** (1922), **Der Schwierige** (1921)

MUSIL, Robert, 1880-1942 doutor em Filosofia, engenheiro, romancista e crítico de teatro. Liga a matemática à mística que define a "ciência básica" do ser humano, com a finalidade de alcançar o caminho para o verdadeiro humanismo através do intelecto crítico-analítico, fracassando, contudo, no dilema entre o espírito e a ação.

OBRAS PRINCIPAIS: *Verwirrungen des Zöglings Törless* (1906), *Der Mann ohne Eigenschaften* (1930/43).

TRAKL, Georg, 1887-1914, farmacêutico, lirista. O seu lirismo gera uma melancolia profunda, oriunda da dissolução irrevogável da Monarquia do Danúbio, parecendo-lhe a vida com um sonho que se dispersa.

OBRAS PRINCIPAIS: *Gedichte* (1913), *Aufbruch* (1915), *Sebastian im Traum* (1920).

ZWEIG, Stefan, 1881-1942, doutor em Letras, suicidou-se juntamente com a sua esposa em Petrópolis-RJ. Lirista, novelista e ensaísta. Na sua autobiografia *Die Welt von gestern* (1942) traça um panorama cultural dos últimos dias da Monarquia Real e Imperial.

OBRAS PRINCIPAIS: *Jeremias* (1917), *Amok* (1922), *Schachnovelle* (1941); há de destacar também a monografia *Brasilien, ein Land der Zukunft* (*O Brasil, um país do futuro*; 1941).

HANDKE, Peter, nascido em 1942. Nas obras deste autor contemporâneo, a ação desempenha um papel inferior à língua, realçando que a função estética da linguagem não está ligada à função do significado. É contra o caráter ilusionista da produção literária.

OBRAS PRINCIPAIS: *Publikumsbeschimpfung* (1966), *Kaspar* (1967), *Die Angst des Tormanns beim Elfmeterstoß* (1970).

- 4 RAIMUND, Ferdinand, 1790-1836, confeiteiro, depois ator e diretor de teatro, autor dramático. Juntamente com NESTROY, é o mais importante representante da peça teatral popular de Viena ("Wiener Volkstück").

PEÇAS PRINCIPAIS: *Der Bauer als Millionär* (1826), *Alpenkönig und Menschenfeind* (1828), *Die unheilbringende Krone* (1829).

NESTROY, Johann Nepomuk, 1801-1862, ator e diretor de teatro, autor dramático, satírico e parodista notável, usando instrumentos artísticos da "commedia dell'arte" que aprofunda com os meios do realismo psicológico.

PEÇAS PRINCIPAIS: *Lumpazivagabundus* (1833), *Einen Jux will er sich machen* (1842), *Lohengrin* (1859 — paródia).

ROSEGER, Peter, 1834-1918, alfaiate ambulante, depois bolsista em uma Academia Comercial e, a partir de 1876, editor e escritor. Ainda hoje o mais popular dos escritores regionais da Estíria, um dos mais proeminentes autores dialetais da Áustria. Possuiu uma certa importância como educador do povo.

OBRAS PRINCIPAIS: *Sittenbilder aus dem steirischen Oberlande* (1870), *Geschichten aus der Steiermark* (1871), *Waldheimat* (1873).

- 5 BLAUHUT, Robert, *Österreichische Novellistik des 20. Jahrhunderts*. Wien 1966.

6 BLAUHUT, op. cit., p. 77.

- 7 A questão da delimitação de literaturas nacionais nunca deixou de ocupar os especialistas em literatura comparada. É necessário para poder determinar as áreas pertencendo, quer à literatura nacional, quer à literatura comparada.

Henry H. H. REMAK acrescenta que o fenômeno de literaturas em vários idiomas num mesmo território ainda não representa per se um critério suficiente para o "tratamento comparatista". Este tratamento só se justifica quando se podem comprovar diferenças significativas no que diz respeito à tradição e à comunidade étnica (Cf. REMAK, obra a seguir mencionado, ed. em língua alemã, p. 20).

H. H. H. REMAK, *Comparative Literature — its Definition and Function*. In: — *Comparative Literature — Method and Perspective*, ed. by Newton P. STALLKNECHT / Horst FRENZ, Carbondale 1961. Tradução em língua alemã: *Definition und Funktion der Vergleichenden Literaturwissenschaft*. In: — RÜDIGER, Horst, ed., *Komparatistik — Aufgabe und Methode*, Stuttgart etc. 1973, p. 11-54.

- 8 Um trabalho importante no que diz respeito à delimitação das literaturas alemã e austríaca é o livro de Heinz RIEDER, *Österreichische Moderne (Modernismo austríaco)*. Parece significativo porque começa com um capítulo intitulado: *Reflexões — enquanto introdução — em torno ao problema de uma história da literatura austríaca.* (= *Gedanken zum Problem einer österreichischen Literaturgeschichte als Einleitung.*)

Entre outros, RIEDER discute Josef NADLER e o critica por definir com tópicos superficiais o "Austriacismo literário" (termo criado por mim — B. J.), sem verificar as suas asserções nos textos originais. Para NADLER, os atributos essenciais do Austriacismo literário são: perseverança, reprodução estilizada da realidade, inclinação para o símbolo, bem como instinto elementar de jogo (cf. RIEDER, op. cit., p. 8).

RIEDER salienta que a Áustria era, até o fim da Idade Média, um país de colonização cuja afluência cultural e biológica proveio do Leste para se dirigir ao Oeste. Pode-se falar de uma Áustria culturalmente independente apenas depois que se efetuar uma deslocação do peso político em favor do Oeste. Por causa das diferenças lingüís-

ticas, alcançou-se bem tarde um desenvolvimento cultural que merece chamar-se especificamente austríaco. Além disso, o teatro do Barroco possuiu ainda um carácter que era comum a toda a Alemanha meridional; na Áustria do século XVIII faltaram escritores realmente extraordinários, e, por último, o Romantismo alemão, em princípio frutífero, não fez escola na Áustria. Quase com unanimidade, os historiadores da literatura opinam que o que se chama geralmente "Literatura Austríaca" começou de repente com a *Sappho*, de Franz GRILLPARZER, em 1818. (Cf. RIEDER, op. cit., p. 8-10). A definição do fenómeno GRILLPARZER de especificamente austríaco foi causado essencialmente pelo fato de ter sido impossível classificá-lo, pois as categorias correntes e conhecidas não prestaram. A definição do Austríacismo literário surgiu, por conseguinte, de uma classificação em negativo.

É interessante observar que RIEDER está vendo o quadro maior da literatura austríaca dentro da "agonia da Monarquia, aquele processo moroso, que tinha algo da atmosfera deprimida do apocalipse, pois terminou nos acontecimentos apocalípticos da I Guerra Mundial. Apesar disso — ou graças a isso — foi levado por um rendimento cada vez maior — por volta do ano de 1900 — no campo da arte, da música e da literatura austríacas." (RIEDER, op. cit., p. 12).

A respeito da área de pesquisa da Literatura Austríaca veja entre outros os títulos seguintes (citados a partir de RIEDER, op. cit., p. 8; nota n.º 4):

1.º os ensaios de Kurt ADLER, *Vom Wesen der österreichischen Dichtung (Do gênio da literatura austríaca)*, Österreich Reihe 267, Wien 1964;

Geist und Wirklichkeit. Vom Werden der österreichischen Dichtung (Espírito e Realidade. — Gênese da literatura austríaca) Wien 1967;

2.º Josef STRELKA, *Brücke zu vielen Ufern. Wesen und Eigenart der österreichischen Dichtung (Ponte para muitas beiras. Gênio e carácter da literatura austríaca)*, Europäische Perspektiven, Wien 1966;

3.º Adalbert SCHMIDT, *Dichtung und Dichter Österreichs im 19. und 20. Jahrhundert (Literatura e escritores austríacos nos séculos XIX e XX)*, Salzburg 1964.

9 BROCH, Hermann, 1886-1951, industrial, depois escritor e professor de psicologia e literatura em universidades norte-americanas. Juntamente com KAFKA e MUSIL, fundador do romance moderno na área da língua alemã. Foi influenciado por James JOYCE.

OBRAS PRINCIPAIS: *Die Schlafwandler* (1931/32), *Die Schuldlosen* (1950), *Denn sie wissen nicht, was sie tun* (1932).

10 HEER, Friedrich, *Österreich — damals — gestern — heute*, Wien 1962, p. 10.

11 JOHNSTON, William M., *Österreichische Kultur — und Geistesgeschichte*, Wien etc. 1974, p. 51.

12 KRAUS, Karl, 1874-1936, editor da revista *Die Fackel* (922 números entre 1899 e 1936 com 24.500 páginas); um dos maiores jornalistas satíricos do século nos países de fala alemã. Ataca a corrupção e os males da sua época, lutando, ao mesmo tempo, pela pureza da língua. Além da sua produção jornalística também se destaca o manifesto *Die letzten Tage der Menschheit* (1919/22), onde acusa a guerra e os seus usufrutuários.

13 BAHR, Hermann, 1863-1934, jornalista, depois encenador e diretor do do "Burgtheater" em Viena. Rica produção de romances, dramas, comédias, ensaios e críticas. Chefe reconhecido do grupo "Jovem Viena", engajado politicamente em prol de uma Áustria independente e autônoma.

OBRAS PRINCIPAIS: *Himmelfahrt* (1916), *Österreich in Ewigkeit* (1929), *Altweibersommer* (1924).

14 JOHNSTON, op. cit., p. 45.

15 Não quero dispensar-me de indicar que o título principal desta contribuição, assim como o da terceira parte, foi inspirado em parte pela obra *Der habsburgische Mythos in der österreichischen Literatur (O mito dos Habsburgos na literatura austríaca)* do pesquisador italiano Claudio MAGRIS, publicada em Salzburgo no ano de 1966, obra que, infelizmente, ficou fora do meu alcance.

16 DODERER, Heimito von, 1896-1966, doutor em História, depois escritor profissional livre. Tematiza em suas obras-primas — os romances *Die Strudlhofstiege* (1951) e *Die Dämonen* (1957) — a dissolução da Monarquia Austro-Húngara. Usa complicados melos da técnica narrativa com repetidas retrospectivas e antecipações, ligando, assim, de maneira indissolúvel, passado, presente e futuro.

OUTRAS OBRAS: *Ein Mord, den jeder begeht* (1938), *Ein Umweg* (1940), *Die Merowinger* (1962), *Die Wasserfälle von Slunj* (1963).

WERFEL, Franz, 1890-1945, escritor profissional, casado com Alma Mahler, viúva do compositor Gustav MAHLER (1860-1911), poeta, romancista e autor dramático. Fortes tendências expressionistas e católicas. A sua obra tematiza o conflito entre a fé e a descrença.

OBRAS PRINCIPAIS: *Der Spiegelmann* (1920), *Nicht der Mörder, der Ermordete ist schuldig* (1920), *Der veruntreute Himmel*, (1939), *Das Lied von Bernadette* (1941).

- 17 Quanto aos judeus na literatura da Áustria, cf. Harry ZOHN, *Wiener Juden in der deutschen Literatur* (Judeus vienenses na literatura alemã), Tel Aviv 1964. — Cf. também o que constatou Fritz HACKERT:

O judeu galiciano Joseph Roth não tinha nenhuma alternativa: o campo de concentração e a câmara de gás o esperariam mesmo se não fosse adversário literário-jornalístico dos nazistas. (*Kaddisch und Miserere*, p. 220).

Muitas vezes se pergunta por que ROTH, que tinha atuado durante longos anos como repórter de jornais alemães, não voltou para a Áustria após 1933. No seu artigo *Die Exilsituation in Österreich* (A Situação de exílio na Áustria), Paul Michael LÖTZELER dá uma resposta nítida a esta pergunta:

Como Hitler, em março de 1933, Dollfuss (isto é, o então chefe do governo austríaco, assassinado pelos nazistas em 1934 — B. J.) também eliminou, ao mesmo tempo e com meios duvidosos, o parlamento. Qualificando o "Programa de Korneuburg" fascista do ano 1930 de Programa Nacional, ele revogou a constituição democrática na Áustria (...). Para os escritores engajados democraticamente, esquerdistas-liberais e socialistas entre os perseguidos políticos da Alemanha hitleriana, a Áustria dos anos 1933 a 1938 não representava um atraente país hospitaleiro.

(LÖTZELER, op. cit., p. 56).

In: — DURZAK, ed., *Die deutsche Exilliteratur 1933-1945*, p. 56-64.

- 18 Joseph ROTH. (Mittellung des Bundespressdienstes der Republik Österreich) s.d. (1969), 7 p. Referência: Z1. 74.349-III/C 69.
- 19 ROTH, Joseph, *Radetzky*, Hamburg 1974, p. 11.
- 20 Id., *ibid.*, p. 23.
- 21 Id., *ibid.*, p. 50.
- 22 ROTH, *Radetzky*, p. 150.
- 23 Id., *ibid.*, p. 58.
- 24 TROMMLER, Frank, *Roman und Wirklichkeit*, Stuttgart 1966, p. 62.
- 25 FAMIRA-PARCSETICH, Helmut, *Die Erzählsituation in den Romanen Joseph Roths* Bern 1971, p. 92.
- 26 HACKERT, Fritz, *Kulturpessimismus und Erzählform*, Bern 1967, p. 147.
- 27 ROTH, *Radetzky*, p. 159.
- 28 Id., *ibid.*, p. 159.
- 29 Id., *ibid.*, p. 159 s.

- 30 Id., *ibid.*, p. 166 s. — Nas passagens dedicadas ao *Radetzky* do seu livro *Joseph Roth und völkisch-nationale Wertbegriffe* (Joseph Roth e noções de valor étnico-nacionais), Wolf W. MARCHAND reduz o problema da dissolução da jovem dinastia dos Trotta essencialmente a um fato que não deixa de parecer parcial: assera que todos os três Trotta estão arrancados do seu destino primitivo — o de camponês. Todas as três gerações nutrem o desejo clandestino de voltar para o campo, mas o desarraigamento aumenta, de modo que permaneça como ponto de referência apenas a ligação ao Imperador e ao Império. Para MARCHAND, o romance *Radetzky* constitui uma evocação nostálgica da origem campestre. O desaparecimento dos Trotta e do Império é uma conseqüência do desarraigamento, da degeneração, da continuação perdida de primitivos valores elementares e pré-rationais. O romance se constitui a partir da consciência contínua dos Trotta e sobretudo de Carlos-José, por terem perdido aquela continuação (op. cit., p. 199).

- 31 ROTH, Joseph, *Seine k.u.k. Apostolische Majestät*, Hamburg 1969, edição Reclam, p. 34-41.

32 Id., *ibid.*, p. 39.

33 Id., *ibid.*, p. 40.

34 BLAUHUT, op. cit., p. 112.

35 FAMIRA-PARCSETICH, op. cit., p. 90.

ROTH, Joseph, *Die Büste des Kaisers*, Hamburg 1969, edição Reclam, p. 3-33.

36 TROMMLER, Frank, *Roman und Wirklichkeit. Eine Ortsbestimmung am Beispiel von Musil, Broch, Roth, Doderer und Gütersloh*. Stuttgart 1966.

37 TROMMLER, op. cit., prefácio, p. 5.

GÜTERSLOH, Albert Paris (pseudônimo para Albert Conrad KIEH-TREIBER), 1887-1973, professor na Academia das Belas Artes de Viena, pintor e escritor. Um dos primeiros representantes do romance expressionista em reação à "Jovem Viena". Veja a respeito: *Die tan-zende Türin* (1911).

OUTRAS OBRAS: *Der Lügner unter Bürgern* (1920), *Lasst uns den Menschen machen* (1961), *Die Fabel von der Freundschaft* (1969).

38 TROMMLER, op. cit. 50-67

39 Cf. Hermann BROCH, *Essays*, vol. I, Zürich 1955, p. 139. — Citado aqui segundo TROMMLER, op. cit., p. 51.

40 TROMMLER, op. cit., p. 52.

41 Id., *ibid.*, p. 53.

42 Id., *ibid.*, p. 59.

43 URBACH, Reinhard, Arthur Schnitzler, Velber, Han., 2-1972, p. 16. Josef NADLER, no entanto critica SCHNITZLER porque nas suas obras só aparecem membros das altas camadas da sociedade excluindo a população maioritária e restringindo o seu enfoque a pândegos, mulhereiros, cavalheiros e moças frívolas (estas, na verdade, pertencem geralmente a classes mais baixas, ou pelo menos, provêm de lá), enquanto que os habitantes da "verdadeira" Viena "trabalhem duro e enfrentem um destino trágico" (*Geschichte der deutschen Literatur — História da Literatura Alemã —*, Regensburg 2a tiragem 1961, p. 746).

44 BEER-HOFMAN, Richard, 1866-1945, doutor em Direito, amigo de HOFMANNSTHAL, novelista e autor dramático. Escreveu também um romance (*Der Tod Georgs*; 1900) em torno do mistério da morte, usando o monólogo interior.

OBRAS PRINCIPAIS: *Der Graf von Charolais* (1904), *Die Histoire von König David* (1918 ss.).

ALTENBERG, Peter, (pseudónimo para Richard ENGLANDER), 1859-1919, estudou medicina sem terminar, voltando-se escritor, e destacou-se mais por seu estilo extravagante de vida como boémio literário do que por sua própria produção literária.

OBRAS PRINCIPAIS: *Ashantee* (1897), *Märchen des Lebens* (1908), *Vita ipsa* (1918).

WILDGANS, Anton, 1881-1932, juiz no tribunal superior, depois diretor do "Burgtheater" em Viena; autor dramático, lirista e romancista. Tendências patrióticas nos ensaios; veja *Rede über Österreich* (1929), na qual ele defende a Áustria germânica do pós-guerra.

OBRAS PRINCIPAIS: *In Ewigkeit Amen* (1913), *Armut* (1914), *Dies Irae* (1918), *Kain* (1920).

45 HEER, op. cit., p. 13.

46 BLAUHUT, op. cit., p. 13.

47 JOHNSTON, op. cit., p. 69.

48 Cf. RIEDER, op. cit., p. 22, salientando que SCHNITZLER escolheu, com o segundo-tenente Gustl, uma figura negativa, Aquela mistura de falta de consciência, futilidade, sensualidade, estúpidez e intolerância, enfim uma daquelas figuras com as quais Karl Kraus iria tornar popular seus "Últimos dias da Humanidade." O Gustl de Schnitzler é um dos personagens que ilustram claramente que o tempo está se preparando para o fim do mundo. Falando da novela *Leutnant Gustl*, há de se mencionar que ela é a primeira obra em língua alemã usando a técnica do "monólogo interior".

49 Uma peça de teatro também engajada politicamente, é **Professor Bernhardi**. Contém ataques agudos contra os abusos da difamação racial (anti-semítica), do clericalismo e da política corrupta e intrigulista do então maioritário Partido Cristão-Social. Também nesta peça SCHNITZLER exprime uma repugnância pronunciada contra o Parlamentarismo austríaco que se manifesta sobretudo na caracterização impiedosa do Dr. Flint, Ministro de Educação e do "Clero", um homem político que se serve, sem escrúpulos, da Igreja e do anti-semitismo como meio de alcançar seus próprios objetivos mas não por convicção.

Aliás, as autoridades austríacas de então não permitiram a estréia da peça em território austríaco porque temiam que ofendesse o sentimento religioso do povo. Por isso, a peça foi estreada em Berlim no ano de 1912.

50 Sintomático para a apreciação tardia de ROTH é o honroso fato de o seu artigo *Bekennnis zu Deutschland* (*Confissão para a Alemanha*) ser inserido no volume *Deutsches Mosaik. Ein Lesebuch für Zeitgenossen* (*Mosaico Alemão, Um livro de leitura para contemporâneos*), Frankfurt am Main 1972, segunda parte: *Die verschenkte Republik* (*A República feita presente*), p. 107-11.

Para servir de presente oficial, este volume foi publicado por Dieter HILDEBRANDT e Siegfried UNSELD, por ordem do Comitê de Organização dos jogos da XX Olimpíada em Munique (1972). Os prefácios foram escritos por Willi DAUME, Presidente do Comitê de Organização, e por Gustav HEINEMANN, o então Presidente Federal da República Federal da Alemanha.

BIBLIOGRAFIA

ARNOLD, Heinz Ludwig, *Joseph Roth*, München (Boorberg) 1974, (= Text und Kritik, Sonderband).

BLAUHUT, Robert, *Österreichische Novellistik des 20. Jahrhunderts*. Wien (Braumüller) 1966, (= Untersuchungen zur österreichischen Literatur des 20. Jhdts., v. 2).

BONING, Hans-Jürgen, *Joseph Roths "Radetzkymarsch"*. *Thematik, Struktur, Sprache*. München (Fink) 1968.

BRONSEN, David, *Joseph Roth. Eine Biographie*, Köln (Klepenheuer & Witsch), 1974. *Resenha*: por Michel RAUS. In: — *Literatur und Kritik. Österreichische Monatschrift*, No. 96/97 (Julho / Agosto de 1975), p. 429-31.

- BRONSEN, David (ed.), **Joseph Roth und die Tradition**, Darmstadt (Agora), 1974, (= agora No. 27).
- FAMIRA-PARCSETICH, Helmut, **Die Erzählsituation in den Romanen Joseph Roths**. Bern (Lang), 1971, (= Kanadische Studien zur deutschen Sprache und Literatur).
- GIEBISCH, Hans / GUGITZ, **Bio-Bibliographisches Literaturlexikon Österreichs. Von den Anfängen bis zur Gegenwart**. Wien (Hollinek), 1963.
- HACKERT, Fritz, 'Kaddisch und Miserere.' Untergangswesen eines jüdischen Katholiken. Joseph Roth im Exil. In: — DURZAK, Manfred (ed.), **Die deutsche Exilliteratur 1933-45**, Stuttgart (Reclam) 1973, p. 220-31. Resenha: (do volume inteiro): Theodor SAPPER, **Schöpferischer Fluchtweg des Humanismus**. In: — Literatur und Kritik. Österreichische Monatsschrift. No. 99 (out. de 1975), p. 561-64.
- HACKERT, Fritz, **Kulturpessimismus und Erzählform**. Studien zu Joseph Roths Leben und Werk. Bern (Lang) 1967, (= Deutsche Literatur und Germanistik, v. 5).
- HEER, Friedrich, **Österreich — damals, gestern, heute**. Wien, 1962.
- JOHNSTON, William M., **Österreichische Kultur — und Geistesgeschichte**. Gesellschaft und Ideen im Donauraum 1848-1938, Wien / Köln / Graz 1974, (= Forschungen zur Geschichte des Donauraumes, v. 1).
- KOBER, Leo (ed.), **Das Erscheinungsbild der österreichischen Gegenwartsdichtung**. Wien (Braumüller), 1969, (= Untersuchungen zur österreichischen Literatur, v. 3).
- KURER, Alfred, **Joseph Roths Radetzkymarsch**. Interpretation. Ein Beitrag zum Phänomen des Spätzeitlichen in der österreichischen Literatur. Zürich (Juris) 1968.
- LÜTZELER, Paul Michael, 'Die Exilsituation in Österreich'. In: — DURZAK, Manfred (ed.), **Die deutsche Exilliteratur 1933-45**, p. 56-64.
- MARTINI, Fritz, **Deutsche Literaturgeschichte von den Anfängen bis zur Gegenwart**. Stuttgart (Kröner), 12-1963.
- MARCHAND, Wolf R., **Joseph Roth und völkisch-nationalistische Wertebegriffe**. Bonn (Bouvier), 1974. (= Bonner Arbeiten zur deutschen Literatur, v. 23).
- MÖHLHER, Robert, **Österreichische Dichter seit Grillparzer**. Gesammelte Aufsätze zur neueren österreichischen Dichtung. Wien (Braumüller) 1973. (= Wiener Arbeiten zur Deutschen Literatur, v. II).

- POCHLATKO, Herbert (†) / KOWEINDL, Karl / PONGRATZ, Josef, **Einführung in die Literatur des deutschen Sprachraums von ihren Anfängen bis zur Gegenwart**. Mit besonderer Berücksichtigung des österreichischen Schrifttums, III. Teil. Wien (Braumüller) 2-1975.
- RIEDER, Heinz, **Österreichische Moderne**. Studien zum Weltbild und Menschenbild in ihrer Epik und Lyrik. Bonn (Bouvier) 1969. (= Abhandlungen zur Kunst — Musik — und Literaturwissenschaft, v. 60).
- ROTH, Joseph, **Die Büste des Kaisers**. Kleine Prosa. Mit einem Nachwort von Fritz Hackert Stuttgart 1969. (= Reclams Universitätsbibliothek, No. 8597), contém (entre outros): **Die Büste des Kaisers**, p. 3-33; **Seine k.u.k. Apostolische Majestät**, p. 34-41; **Die k.u.k. Veteranen**, p. 46-54.
- ROTH, Joseph, **Die Kapuzinergruft**, München (dtv) 3-1976, (= dtv No. 380).
- ROTH, Joseph, **Radetzkymarsch**. Hamburg 1974, (rororo 222/23).
- SCHNITZLER, Arthur, **Fink und Fliederbusch**. Komödie IN: — A.S., **Gesammelte Werke**. Zweiter Band. s.l.s.d. (Bertelsmann Lesering), p. 555-649.
- SCHNITZLER, Arthur, **Leutnant Gustl**.
- SIEG, Werner, **Zwischen Anarchismus und Fiktion**. Eine Untersuchung zum Werk Joseph Roth. Bonn (Bouvier) 1974, (= Studien zur Germanistik, Anglistik und Komparatistik, v. 27).
- TROMMLER, Frank, **Roman und Wirklichkeit**. Eine Ortsbestimmung am Beispiel von Musil, Broch, Roth, Doderer und Gütersloh. Stuttgart (Kohlhammer) 1966. (= Sprache und Lit., v. 30).
- URBACH, Reinhard **Artur Schnitzler Veiber**, Han. 2-1972, (= dtv Dramatik des Welttheaters, dtv No. 6856).